



## A CONFIGURAÇÃO DA MULHER E A VERTENTE HUMANA PRESENTE NA POÉTICA DE BALZAC E BAUDELAIRE

Simone Maria Martins<sup>1</sup>

Silvio Cesar Masquietto<sup>2</sup>

**RESUMO:** O tema proposto dialoga, por meio dos estudos comparados, em duas grandes referências da literatura moderna, na primeira obra *A Mulher de Trinta Anos* (1844), um romance de Honoré de Balzac, na segunda obra *As Flores do Mal* (1857), na poesia de Charles Baudelaire. Em princípio, será apresentada a fundamentação teórica, como foco no romance moderno, além do encontro entre ambos escritores, dos quais pertencem ao mesmo cenário histórico, geográfico e literário europeu, mais precisamente na França do século XIX. Num segundo momento serão destaques a análise de excertos da obra de Balzac, que pertence aos 89 romances da composição de sua grande obra *A Comédia Humana* (1845). Por fim, a análise de excertos dos poemas de Baudelaire, em destarte a alegoria humana na figura da mulher, que expressam sua opção pela negatividade. Nas considerações finais, destaca-se o niilismo evidente nas obras em análise, fundamentado em Antonio Candido, diante dos principais aspectos destes escritores, revelando em suas palavras, a negação e o desencantamento com o mundo social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poética; Melancolia; Negatividade; Romance Moderno.

**RÉSUMÉ:** Le thème proposé dialogues, à travers des études comparatives. Deux grandes références de la littérature moderne, la première œuvre de *Trente Ans de femmes* (1844), un roman d'Honoré de Balzac, dans le second ouvrage *Les Fleurs du Mal* (1857), la poésie de Charles Baudelaire. En principe, la base théorique sera présentée comme une mise au point sur le roman moderne, ainsi que sur la rencontre entre les deux écrivains, dont ils appartiennent à la même scène littéraire historique, géographique et européenne, plus précisément dans la France du XIXe siècle. Dans un second temps, l'analyse d'extraits de l'œuvre de Balzac, qui appartient aux 89 romans de la composition de son grand ouvrage *The Human Comedy* (1845). Enfin, l'analyse d'extraits de poèmes de Baudelaire, en fait l'allégorie humaine dans la figure de la femme, qui exprime son option pour la négativité. Dans les considérations finales, le nihilisme évident dans les travaux sous analyse, basé sur Antonio Candido, se distingue devant les principaux aspects de ces écrivains, révélant dans ses mots, la négation et le désenchantement avec le monde social.

**MOTS-CLÉS:** Poétique; Mélancolie; Négativité; Romance Moderne.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta em seu *corpus*, duas grandes obras literárias do século XIX, partindo-se da análise do contexto histórico da literatura moderna. Encontrou-se na obra de Honoré de Balzac *A Mulher de Trinta Anos*, em conjunto com o estudo comparado na obra de Charles Baudelaire *As Flores do Mal*, subsídios que apontem a identificação da categoria da negatividade, como principal característica consideravelmente marcante naquele cenário literário, conforme Antonio Candido apontou em seu campo de investigação.

No primeiro momento será destaque o encontro e o enredo de cada escritor, abrindo-se como fio condutor as questões históricas, geográficas, sociológicas, filosóficas e políticas, marcantes no impulso da literatura moderna. Ambos são considerados ícones relevantes desta categoria de análise, para além da presença perceptível da mulher nas obras em estudo.

A principal característica das obras em evidência, encontra-se no niilismo marcante qual propõe demarcar o presente, de forma ficcional. Seja no romance de Balzac que considerava a vida privada como inspiração para destacar a mulher em suas nuances. Seja em Baudelaire, com seus poemas diretamente centrados na configuração da mulher, longe de ser bela, conforme descrita nos contos medievais, mas sim daquelas renegadas pela sociedade, consideradas malditas, inclusive na sua própria redefinição de beleza, bem como, na própria abertura de seu livro, que segue em quase todos os seus poemas a menção da mulher.

Também será apresentada a análise de excertos do livro de Balzac *A Mulher de Trinta Anos*, diante de sua preocupação em tecer conteúdos que expressassem seus estudos de costumes, analíticos e filosóficos, dos quais colaboraram para que o autor construísse essa obra dividida em séries temáticas, abordando a vida privada, provinciana, parisiense, política, militar e rural, bem como, especificamente a presença da mulher.

Com propósito de aproximação entre ambos escritores, foram coletados excertos dos poemas de Baudelaire, referente a obra *As Flores do Mal*, em evidência poesias que destaquem suas expressões quanto a melancolia e nostalgia presente em suas palavras, quais foram selecionadas com intuito de apontar a presença marcante da mulher neste livro. Além da expressão do mal, com todo o seu apelo de perversidade, incivilidade e rebeldia, promove a leitura dos abalos violentos nas estruturas morais e expectativas estabelecidas na sociedade vigente.

Nas considerações finais apontam-se aspectos que colaboram para que esta análise pudesse aproximar os principais *corpus* desta pesquisa, focada no estudo

comparado dessas grandes obras, consagradas no século XIX com o surgimento da literatura moderna.

## O ROMANTISMO MODERNO NA VERTENTE DA POÉTICA DA NEGATIVIDADE

O romantismo moderno tem como característica principal, o desencadeamento de mudanças marcantes na literatura ocidental, que segundo Antonio Candido (2006), vieram de duas grandes rupturas. A primeira surge no século XV, por meio da releitura dos gêneros antigos, um exemplo a tragédia, qual veio como forma de interpretar o presente com base no passado. Na segunda ruptura que se encontra a libertação do pensamento literário, conforme observa-se:

A segunda ruptura se deu a partir do fim do século XVIII e foi o Romantismo, que libertou a produção literária das normas preestabelecidas e impositivas, estimulando a experimentação ao romper a tirania das regras. Por isso, é costume dizer que o Romantismo estabeleceu a liberdade de criação literária, abolindo a servidão às tradições. Houve, portanto, uma inversão de concepções, porque os autores passaram a interpretar o presente por meio de recursos expressivos modernos, como foram a mescla de gêneros ou o romance em prosa de toque realista, que vinha de antes, mas só então se desenvolveu e adquiriu a dignidade de gênero de primeira plana (CANDIDO, 2006 p. 137).

A opção pela negatividade é considerada uma categoria de análise literária, conforme campo de investigação de Antonio Candido, cujo pensador indica a questão da melancolia, do mal e do niilismo, questão fortemente presente na literatura moderna, conforme descreve:

O Romantismo foi, portanto, o começo de uma literatura aberta às mudanças, ao aderir ao presente, não ao passado, num momento de rápidas mudanças técnicas e sociais. Isso foi se acentuando até as vanguardas do século XX, que privilegiaram a mudança incessante, orientada por um inconformismo permanente que se manifestou pela negação de conceitos, valores e procedimentos. A partir dessa verificação procurarei mostrar que uma das grandes fontes da modernidade nas literaturas do Ocidente foi o que se pode chamar de negatividade, a meu ver um dos traços românticos mais interessantes (CANDIDO, 2006 p. 137).

Segundo Candido (2006), essa opção pela negatividade assume uma nova categoria, para que se compreenda consagrados escritores da modernidade, considerados um grande marco da literatura moderna. Essa identidade peculiar exala

a experiência da negatividade, em que expressam o lado sombrio da sociedade, por meio das reflexões poéticas quanto a morte e a ruína, presente nos vários estágios da modernidade literária estética e do pensamento moderno.

A melancolia que impera no romantismo da modernidade demonstra a falência dos ideais iluministas, que promoviam na literatura da antiguidade, a razão como mola propulsora da humanidade. Neste momento, o niilismo surge como fonte de inspiração, desenvolvendo uma crise na metafísica em que a razão, aparentemente superada devido ao apelo da perversidade, da incivilidade e da rebeldia, tornam-se marcantes nas obras de escritores da modernidade.

Neste enfoque aborda-se os olhos da literatura diante autores que promovem uma mudança radical na literatura moderna. Baudelaire é um dos principais responsáveis por este novo formato de escrever poemas, contos e crônicas. Numa linguagem crítica e muitas vezes intensa, o olhar e o sentimento do escritor moderno, retratando minuciosamente e muitas vezes violentamente a realidade social. Na figura de um *flâneur* o escritor se destaca, como um observador que coleta inspirações a partir da vivência no aglomerado das cidades. Baudelaire define neste perfil a importância do observador. Assim como Balzac dispõe seu olhar aos aspectos históricos e culturais marcantes na política francesa de seu tempo.

Na lógica de Baudelaire, diante a sociedade pós-moderna, agora aglomerada nos grandes centros das cidades, a função de caminhar, observar e imaginar, seriam pertinentes e propícias ao *flâneur*, compondo e registrando suas palavras, a partir da inspiração na sociedade e todo seu complexo humano. Conforme observa-se no excerto:

Ao céu, de onde ele vê de um trono a incandescência,  
O Poeta ergue sereno as suas mãos piedosas,  
E o fulgurante brilho de sua vidência  
Ofusca-lhe o perfil das multidões furiosas

(BAUDELAIRE, 2017, p. 3-4).

Neste sentido, encontra-se em Balzac e Baudelaire, a presença marcante desta ruptura literária, trazendo para literatura moderna a expressão do pensamento livre, numa poética niilista e melancólica do lado obscuro da humanidade, talvez nunca presente na literatura antiga, partindo-se da epopeia de Gilgamesh<sup>3</sup>, que pode ser considerada o principal marco da humanidade letrada, representada por um riquíssimo arsenal de detalhes da vida e da sociedade mesopotâmica, não obstante de revelar a questão da gênese e da morte.

Na estética da literatura moderna, Adorno (1998) descreve esse conteúdo

contrário, que nega o apelo social vigente, conforme observa-se em sua definição:

O conteúdo constitui-se num movimento contrário. Imprime-se nas obras que dele se afastam. O progresso artístico, tanto quanto acerca dele se pode falar de modo convincente, é a totalidade desse movimento. Participa do conteúdo mediante a sua negação determinada. Quanto mais energicamente acontece, tanto mais as obras de arte se organizam segundo uma finalidade imanente e se constituem justamente assim, de modo progressivo, no contato com o que elas negam (ADORNO, 1998, p. 161).

A escolha de Balzac e Baudelaire para este estudo, tem como iniciativa dialogar com as duas obras em destarte, para ilustrar a estética da negatividade estabelecida na configuração da comédia e alegoria humana, face a configuração da mulher em que ambos estabelecem em seus livros, trazendo para esses textos uma forma inigualável de expressão, pela coragem de expor o lado perverso, medíocre e sombrio da humanidade, sem a preocupação de agradar, mas sim em desconstruir a literatura firmada anteriormente, por uma sociedade hipócrita, enrustida por dogmas religiosos.

Muito longe daquilo que os romances clássicos retratavam em suas escritas, Balzac e Baudelaire propõem uma visão sombria da vida, numa realidade nua e crua expõe as mazelas sociais, toca na ferida da condição da mulher e promovem um verdadeiro escândalo no mundo da literatura.

#### APROXIMAÇÕES ENTRE BALZAC E BAUDELAIRE

As primeiras aproximações entre Balzac e Baudelaire, primeiramente, estão na condição geográfica, histórica e temporal. Ambos viveram em uma mesma França, ambos pertencentes a categoria da negatividade, tomam somente distanciamento no gênero, diante do romance de Balzac e da poesia de Baudelaire. Porém, a poética melancólica e niilista possui traços marcantes nas obras deste estudo comparado.

Antonio Candido aponta justamente Baudelaire para retratar esta categoria literária da modernidade, conforme pode-se observar:

No limite do satanismo encontramos o sadismo, traço típico de negatividade, pois subordina algo tão positivo quanto o prazer a algo extremamente negativo, como é a dor. Na literatura romântica o sadismo é frequente, seja descrito concretamente como prática, portanto se manifestando visivelmente no nível do comportamento, seja como componente obscuro, recessivo na alma de cada um. Sabemos que Baudelaire

é uma ponte entre o Romantismo e a modernidade, e não há dúvida de que foi um dos mais notáveis incorporadores do sadismo à poesia do seu tempo (CANDIDO, 2006 p. 139).

Baudelaire tem como característica principal uma escrita geográfica, com poemas que percorrem o tempo e o espaço, com ilustrações do cotidiano das mazelas da vida, em especial na configuração da mulher. Assim também Honoré de Balzac, percorre o cotidiano feminino, porém, contendo como fator principal e relevante uma escrita histórica, por meio de seus romances, como no seu consagrado livro *A Comédia Humana*, com ênfase em seu romance mais marcante desta enciclopédia, com recorte na vida feminina. Conforme o próprio Balzac destaca em sua grande obra:

Não esperem paixão; nem por isso a verdade será menos dramática. De resto, o historiador jamais deve esquecer que sua missão consiste em dar a cada um a sua parte: o rico e o desgraçado são iguais perante sua pena; para ele o camponês tem a grandeza de suas misérias, como o rico a pequenez de seus ridículos [...] (BALZAC, 1954, p. 32).

Nesta definição de Balzac, é possível visualizar sua valorização quanto à paixão humana, encontrando-se na escrita um espaço aos aspectos históricos presentes, sem que isso possa influenciar que o historiador escreva apaixonadamente. Assim como se encontra na definição Guinzburg:

O romance histórico-escrevia ele- é uma grande lente que se aplica a um ponto do imenso quadro (pintado pelos historiadores, povoado pelos grandes personagens; desse modo) o que mal era visível recebe as suas dimensões naturais. [...] Não mais os reis, os duques, os magistrados de sempre, mas a gente do povo, as mulheres, as crianças, fazem sua aparição; são postos em ação os vícios, as virtudes domésticas e patenteada a influência das instituições públicas sobre os costumes privados [...] (GUINZBURG, 2007, p. 323).

Bakhtin (2010), também descreve Balzac como fonte de inspiração da literatura moderna, ao destacar sua influência sob a escrita de Dostoiévski, conforme menciona: “o carnaval é uma grandiosa cosmovisão universalmente popular dos milênios passados”, é a festa da praça pública, na qual gente comum produz sua própria interpretação do mundo, marcada pela inversão dos papéis sociais, pela eliminação do medo e das autoridades, e pelos elementos grotescos da profanação do sagrado, do exagero na comida, na bebida e no sexo (BAKHTIN, 2010, p. 39).

Encontra-se nos elementos e na simbologia de ambos escritores, a liberdade em expor a melancolia da vida, retratando de forma impactante as relações sociais, considerando que a ficção revela extraordinariamente aspectos relevantes das questões humanas, quais não estavam estabelecidas na literatura antiga, que reforçava em suas expressões a intencionalidade da mediocridade humana.

Pretende-se neste diálogo entre Balzac e Baudelaire, apontar o caráter niilista contido no *corpus* em destarte. Contudo de profunda negação a quaisquer valores anteriormente repassados na literatura, consagram-se pelo vazio social, pautado na subjetividade de um pessimismo e ceticismo expressionista.

#### A CONFIGURAÇÃO DA MULHER EM BALZAC

Ao iniciar a análise do livro de Balzac *A Mulher de Trinta Anos*, foram selecionados alguns de seus excertos, os quais fossem de encontro com a proposta desta discussão, em que consiste em destacar a categoria literária da negatividade e subjetividade niilista.

Neste romance qual pertence a *Comédia Humana*, são apresentadas várias características de verossimilhança em que o autor demonstra a vida real, por meio de uma análise psicológica, com seu texto narrado em suma maioria na terceira pessoa, destacando-se geograficamente na França, historicamente descrevendo um período de trinta e um anos, representado entre 1813 a 1844.

Apesar de explorar inúmeros personagens, seu fio condutor segue a principal protagonista e antagonista representada por Julia, com inúmeros coadjuvantes, em especial Helena, considerada a maior vítima de Julia, qual revela sua dupla face, permeada de dois papéis distintos.

O texto tem como narrativa em suma maioria a terceira pessoa, porém, utiliza-se da primeira pessoa. No primeiro capítulo "Primeiras Faltas", em que descreve o cenário francês de 1813, destaca a viagem de Julia, com a forte influência de seu pai, para além do encontro com seu esposo. Neste primeiro capítulo, Balzac demonstra a fragilidade de Júlia diante da decepção de seu casamento, além da participação constante de sua tia, que se posiciona como conselheira e também forte influência em seu cotidiano. Como se descreve:

Como a maioria das moças realmente inocentes e sem experiência, ela via uma falta no amor involuntariamente inspirado a um homem. Sentia um terror instintivo, provocado talvez pela consciência de sua fraqueza diante de tão audaciosa agressão. Uma das armas mais fortes do homem é esse poder terrível de assediar uma mulher

cuja imaginação seja naturalmente sensível assusta-se ou ofende-se com uma perseguição (BALZAC, 2007, p. 49).

Este primeiro capítulo discorre de forma precisa, a primeira fase de Julia, uma mulher que se moldará ao longo da narrativa, por suas transformações mediante a dor e as mazelas da vida, diante da condição humana imposta pela sociedade de seu tempo.

No segundo capítulo “Sofrimentos desconhecidos” revela também a segunda fase da vida da personagem principal, desencantada pelo sofrimento que a vida conjugal lhe trouxe, além do surgimento da perda da capacidade de amar, a categoria da negatividade torna-se exposta pela dor, a traição e a culpa, revelando o teor de melancolia presente nesta obra, pode-se observar no próprio conceito de Balzac: “A melancolia compõe-se de uma série de semelhantes oscilações morais, em que a primeira beira o desespero e a última o prazer; na juventude, é o crepúsculo da manhã; na velhice, o da tarde” (BALZAC, 2017, p. 106).

Segundo Freud (2006), a melancolia é caracterizada psiquicamente pelo estado de ânimo profundamente doloroso, bem como, pela suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição geral das capacidades de realizar tarefas e pela depreciação do sentimento de si mesmo. Balzac demonstra neste capítulo a depreciação que se manifesta por censuras de cunho religioso, gerando uma expectativa delirante ao ato de se punir (FREUD, 2006, p. 103-104).

No terceiro capítulo intitulado “Aos trinta anos”, Balzac neste momento alcança a faixa dos trinta anos de Julia, como forma representativa das mulheres de sua época, enunciando o auge poético centrado na vida das mulheres, perante o universo feminino infere em sua narrativa, o elogio quanto à maturidade da beleza e da força feminina, originando-se a expressão da mulher balzaquiana. “A marquesa, então com trinta anos, era bela, apesar da aparência frágil e de uma excessiva delicadeza. Seu maior encanto vinha de uma fisionomia cuja calma deixava transparecer uma surpreendente profundidade na alma” (BALZAC, 2017, p. 111).

Neste excerto a marquesa é descrita iniciando a fase dos trinta anos, a qual revela uma mistura de beleza com sua frágil delicadeza, apresentada pela calma que veio transpor seu sofrimento. De forma tímida ainda carregava como protagonista, sua condição de mulher numa sociedade em que a segregava. As mazelas que a personagem sofre ao decorrer da narrativa não são para evidenciar o caráter submisso, mas para forjar o aspecto melancólico por ela adquirido numa instituição falida que era o casamento.



No quarto capítulo denominado “O dedo de Deus”, Balzac aborda a questão da maternidade e as relações com seus filhos, inferindo-se sua estreita representação com o sagrado, simbolizado por Deus. Aborda a questão da força contida na alma das mães, ali retratada por Julia. Assim seguido do quinto capítulo “Os dois encontros”, que retrata as relações familiares, inserindo diversos personagens que compõe a vida social.

Balzac finaliza seu livro por meio do sexto capítulo “A velhice de uma mãe culpada”, ressaltando as transformações mediante ao tempo, situado naquele momento em 1844, voltando-se a melancolia e a nostalgia de uma vida que passou, onde novamente destaca o momento de maior intensidade da mulher de trinta anos, como descreve no excerto:

Durante a breve estação em que a mulher permanece em flor, os caracteres de sua beleza servem admiravelmente bem à dissimulação a que sua fraqueza natural e nossas leis sociais a condenam. [...] O rosto de uma mulher jovem tem a calma, o polimento, o frescor da superfície de um lago. A fisionomia das mulheres só começa aos trinta anos. Até essa idade o pintor só encontra em seus rostos o rosa e o branco, sorrisos e expressões que repetem um mesmo pensamento, pensamento de juventude e amor [...] (BALZAC, 2017, p. 200).

Diferentemente dos finais consagrados na literatura da antiguidade, Balzac termina sua obra destacando a transição de gerações em que se transfigura de mãe para filha, conforme discorre em seu livro. Neste momento as únicas palavras em que encerra a obra, retrata o cenário da morte, da despedida, da troca de papéis que permearão e serão reconfigurados ao longo das gerações.

O romance de Balzac se aproxima da poética de Baudelaire, quanto ao sentimento de melancolia, embora em Balzac ocorra de forma suave, a demasia agressividade das palavras de Baudelaire, talvez seja o que mais os distanciam diante da categoria da negatividade, em que ambos se aproximam de forma singular.

#### A CONFIGURAÇÃO DA MULHER EM BAUDELAIRE

Ao iniciar a análise do livro de Baudelaire *As Flores do Mal*, foram selecionados alguns de seus poemas nos quais pudessem evidenciar a questão humana e sua visão quanto à mulher. Numa ordem progressiva, serão expostos os excertos que possam ser dialogados com cada poesia, voltada na palavra ou menção ao feminino ou mulher. A grandiosa obra de Baudelaire traz consigo sua extrema melancolia e

sadismo, o que faz de seus poemas, uma das mais consagradas referências da categoria da subjetividade, assim, já mencionada por Antonio Candido.

Ao estudar a lírica de Baudelaire, Walter Benjamin (1989) destacou *As Flores do Mal* como referência básica na compreensão da modernidade, com ênfase na subversão das palavras, como contraposição ao mito empreendido pelo capitalismo. Conforme mencionou que Baudelaire foi “obrigado a reivindicar a dignidade do poeta numa sociedade que já não tinha nenhuma espécie de dignidade a conceder” (BENJAMIN, 1989, p.159).

D’Angelo (2017), aponta nos estudos da modernidade no olhar de Benjamin, ao citar a “desarticulação das relações espaço temporais, intrínseca à modernidade, encontra na lírica de Baudelaire uma forma de resistência” (D’ANGELO, 2017, p. 237). Esta subversão como forma de resistência, é o principal destaque da obra *As Flores do Mal*, que desde seu primeiro poema, dedicou especialmente ao leitor. Baudelaire configura neste poema seu foco principal na mulher, tema que permanecerá presente em quase todos os seus demais poemas deste livro.

Observa-se a existência da palavra mulher citada por mais de trinta vezes e, quando não, certamente encontra-se de forma subjetiva, como no caso do poema “Hino à Beleza”. No decorrer da leitura do livro, a figura feminina surge em seus demais poemas, no tocante desta pesquisa, recebem destaque e serão analisados os poemas: “Correspondências”; “A musa doente”; “A musa venal”; “Dom Juan nos infernos”; “A máscara”; “Perfume exótico”; “A cabeleira”; “*Sed nom satiat*”; “Uma carniça”; “Toda ela”; “Céu nublado”; “Conversa”; “Louvores a minha Francisca”; “A uma dama crioula”; “O cisne”; “A uma passante”; “Sonho parisiense”; “O crepúsculo da manhã”; “O vinho do assassino”; “O vinho do solitário”; “A destruição”; “As réprobas (ou mulheres malditas)”; “Alegoria”; “Beatriz”; “As litâneas de satã”; “A viagem”; “Mulheres malditas – Defina e Hipólita”; “As metamorfoses do vampiro”; finalizando-se com uma carta poética escrita em 1865 em Bruxelas, intitulada “A Eugene Fromentin – A propósito de um importuno que se dizia seu amigo”.

Inicialmente, considera-se importante analisar a primeira parte do livro intitulada “*Spleen e Ideala – As flores do mal*”, mais precisamente o poema de abertura, denominado “Benção”, qual observa-se a presença do feminino numa justa contradição entre o imaginário e a memória do que a vida realmente lhe proporciona, nesse antagonismo há o caminho percorrido do idealismo ao realismo levando ao estado melancólico, traço característico do autor:

[...] Sua mulher nas praças perambula aos gritos:

“Pois se tão bela sou que ele deseja amar-me,

farei tal qual os ídolos dos velhos ritos,  
e assim, como eles, quero inteira redourar-me; [...]  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 3-4).

Os próximos poemas foram selecionados visualizando a palavra mulher, contida em quase toda a sua poética, ao iniciar por “Correspondências”, ainda que o poema traga, segundo Gatti (2008), preponderância de verbos no presente do indicativo, é no passado que busca a sublimação mundana, demonstrando uma clara corrosão desse paraíso natural pelas atitudes humanas da qual a mulher faz parte, para tanto cita:

Quando se empenha o poeta em conceber agora  
Essas grandezas raras que ardiam outro,  
[...] Sente ele n'alma um tenebroso calafrio.  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 6).

Sem deixar de entrar especificamente no mérito feminino quanto à deterioração do seu ser, levando-a da natureza edênica a depravação social:

[...] E vós, mulheres, mais seráficas que os círios,  
Que a orgia ceva e rói, vós, virgens como lírios,  
Que herdaram de Eva o vício da perpetuidade  
E todos os horrores da fecundidade! [...]  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 6).

Ao retratar “A musa doente”, há uma busca vã em entender o estado melancólico da mulher, ainda que o termo venha contemplado pelo uso do sinônimo “musa”, o eu-lírico parece incomodado com a tristeza feminina, apesar de não obter as respostas pelas próprias indagações, dispõe-se a desejar um estado melhor do que aquele no qual a musa se encontra:

[...] O que tens essa manhã, ó musa de ar magoado?  
Teus olhos estão cheios de visões noturnas,  
E vejo que em teu rosto afloram lado a lado  
A loucura e a aflição, frias e taciturnas. [...]  
[...] Quisera eu que, vertendo o odor da exuberância,  
O pensamento fosse em ti uma constância  
E que o sangue cristão te fluísse na cadência  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 7).

Num mesmo enredo entoa-se o poema “A musa venal”, que traz no próprio título a promiscuidade sob a qual vivam algumas mulheres, tal qual a venda do corpo. É possível vislumbrar tal afirmação uma vez que nos versos que se seguem, há indicativos do gosto pela riqueza, contudo, em contrapartida, há desdém da efemeridade da beleza e do amor carnal e que a solidão é o futuro certo dessas mulheres:

[...] Ó musa de minha alma, amante dos palácios,  
Terás, quando janeiro desatar seus ventos,  
No tédio negro dos crepúsculos nevoentos,  
Uma brasa que es quente os teus dois pés violáceos? [...]

(BAUDELAIRE, 2017, p. 8).

No poema “Dom Juan nos infernos” é possível ver a presença marcante da vulnerabilidade feminina que sofre pela morte do amante. No poema percebe-se o quão galanteador era Dom Juan pois, cita o eu-lírico, em que havia um rebanho de vítimas que choravam por sua morte e, ainda assim, Elvira – representando o gênero – mendigava boas lembranças que não fossem a cena que presenciava do sofrimento das demais amantes:

[...] Os seios flácidos e as vestes entreabertas,  
Mulheres se torciam sob um céu nevoento,  
E, qual rebanho vil de vítimas ofertas,  
Atrás dele rosnava em atroz lamento. [...]

(BAUDELAIRE, 2017, p. 10).

Em “A máscara”, Baudelaire retrata as mazelas da fragilidade na natureza feminina, que vive num angustiante paradoxo pois, se aparentemente a sexualidade lhe parece nata, dando às mulheres aspecto de fortaleza e felicidade, no âmago da sua existência o que prevalece é a infelicidade pelo infortúnio que a vida proporciona, diante de uma existência pré-concebida pela sociedade donde não restava alternativa senão submeter-se:

[...] Essa mulher, fração de um ser miraculoso,  
Divinamente forte, amavelmente pobre,  
Criada foi para no leito arder em gozo,  
Saciando os ócios de um pontífice ou de um nobre. [...]  
Ó que blasfêmia da arte! Ó que assombro fatal!

A divina mulher, que ao prazer nos enlaça,  
Lá no alto se transmuda em monstro bifrontal! [...]

(BAUDELAIRE, 2017, p. 12-13).

Assim como em “Perfume exótico” é possível encontrar o tom da sexualidade, em que o autor deixa sempre bem presente, retratando o mundo promíscuo e mundano, principalmente no que tange os prazeres físicos que as mulheres podem proporcionar, comparando-as a visões quase que surreais. O autor tem certa queda pela citação da palavra “fruto”, uma analogia ao fruto proibido do qual nasce o pecado segundo relatos bíblicos:

[...] Uma ilha preguiçosa que nos traz à mente  
Estranhas árvores e frutos saborosos;  
Homens de corpos nus, esguios, vigorosos,  
Mulheres cujo olhar faísca à nossa frente. [...]

(BAUDELAIRE, 2017, p. 14).

“A cabeleira” demonstra exatamente a vida dos bordéis, das mulheres impuras como denominadas deusas dos pecados:

[...] Porias o universo inteiro em teu bordel,  
Mulher impura! O tédio é que te torna cruel.  
Para teus dentes neste jogo exercitar,  
A cada dia um coração tens que sangrar. [...]  
Como não te envergonhas ou não vês sequer  
Murchar no espelho teu fascínio de mulher? [...]  
Recorre a ti, mulher, ó deusa dos pecados  
- A ti, vil animal - , para um gênio forjar? [...]

(BAUDELAIRE, 2017, p. 15).

No poema “*Sed non satiata*”, destaca-se a luxúria da vida promíscua na qual o próprio eu-lírico está imerso, num ímpeto de desejo que busca em vão resistir e comparando inclusive, toda a sensualidade feminina a forças demoníacas:

[...] Em que tudo é só luz, metal, ouro e diamantes,  
Esplende para sempre, em seu frívolo império,  
A fria majestade da mulher estéril. [...]

(BAUDELAIRE, 2017, p. 15-16).

“Uma carniça”, aponta em suas palavras o aparente escárnio das mulheres em seus corpos insalubres de tal modo que se expunham a conjunção carnal, sem importarem-se consigo mesmas e com o outro, assim, dos versos transcorre quase que uma narrativa dos movimentos sexuais do qual fazem parte, além dos corpos nus, animais e outras pragas que anseiam pelo odor exalado do ato:

[...] As pernas para cima, qual mulher lasciva,  
A transpirara miasmas e humores,  
Eis que as abria desleixada e repulsiva,  
O ventre prene de livores. [...]

(BAUDELAIRE, 2017, p. 17-18).

No poema “Toda ela”, dialoga com a alma feminina para qual cerra-se o pecado uma vez que o próprio demônio observa o eu-lírico, para ver se ele se entregou ao pecado carnal nato da mulher:

[...] Qual a mais sublime.”- ó minha alma!  
Respondeste ao Tinhoso então:  
“Porque Ela é um bálsamo que acalma,  
Não pode haver predileção. [...]

(BAUDELAIRE, 2017, p. 24).

Em “Céu nublado” entoa a nostalgia feminina comparando-a com a natureza, remetendo aos dias tristes e acinzentados nos quais a ausência delas se faz sentir, assim como os dias frios que seus corpos poderiam aquecer ou então, nos dias claros iluminados por seus olhares:

[...] Ó mulher perigosa, ó climas sedutores!  
Hei de adorar a tua neve e os teus rigores? [...]

(BAUDELAIRE, 2017, p. 28).

No poema “Conversa” destaca a força sedutora da mulher e sua capacidade de destroçar o coração do homem, deixando-o incapaz abrir-se a outros sentimentos:

[...] O que ela toca, amiga, é um sítio devastado  
Pelas garras e os dentes das mulheres. Não  
Busques meu coração, por elas devorado. [...]

(BAUDELAIRE, 2017, p. 32).

Em “Louvores a minha Francisca”, enuncia o poema mencionando a modista erudita e devota, nele percebe-se o encanto que a mulher é capaz de produzir no homem, há uma enumeração de reações que ela desencadeia, que vai de um simples desejo por um beijo, até modificações mais complexas, que chegam a ser luz numa noite escura. Ainda que fuja do ar melancólico, traz a representatividade feminina na figura de Francisca:

[...] Envolve o corpo de flores,  
Ó mulher que aos pecadores  
Perdoa as culpas e as dores! [...]  
[...]O que era impuro queimaste;  
O que era áspero alisaste;  
O que era frágil firmaste[...]  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 36).

Já nas poesias de louvores, encontra-se o poema “A uma dama crioula”, um texto pequeno e de profunda grandeza, conforme pode-se ler na íntegra:

No país perfumado, a um sol de fogo e pena,  
Conheci sob dossel de árvores purpurado,  
E de palmas de onde o ócio ao nosso olhar acena,  
Uma dama crioula e de encanto ignorado.  
De tez pálida e quente, a mágica morena  
Tem no seu colo um ar, sempre o mais requintado;  
Vai como a caçadora e é imponente e serena,  
Seu sorriso é tranqüilo e seu olhar confiado.  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 36).

No poema “O cisne”, o descreve endereçado a Vitor Hugo, percorrendo caminhos presentes em lugares distintos numa breve comparação entre o simples e o alegórico:

[...] Andrômaca, a tombar dos braços de um esposo,  
Gado vil, para as mãos de Pirro tão sereno,  
Junto a tumba vazia, em langor doloroso  
Viúva de Heitor além de ser mulher de Heleno! [...]  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 51).

Em seus poemas geográficos Baudelaire também foca a feminilidade, como na poesia “A uma passante”, percebe-se a mudança de cenário com a presença feminina, o próprio eu-lírico, na sua embriaguez solitária, volta sua atenção para aquela que agora reacendia o cenário tão morno:

[...] A rua em derredor era um ruído incomum.  
Longa, magra, de luto e na dor majestosa,  
Uma mulher passou e com a mão faustosa  
Erguendo, balançando o festão e o debrum;  
Nobre e ágil, tendo a perna assim de estátua exata. [...]  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 55).

Assim como em “Sonho parisiense”, é perceptível o perfil de um escritor *flâneur* que viaja por caminhos imaginários, apresentando ao seu interlocutor – Constantin Guy – as belezas que pode vislumbrar e ainda, utilizando-se de alguma forma da figura feminina como maneira de chamar a atenção, comparando-a com a mitologia grega das ninfas aquáticas:

[...] Havia mais: colunas frescas  
Que os tanques quietos circundavam;  
Alvas náiades gigantescas  
Como mulheres, se miravam. [...]  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 62).

Em “O crepúsculo da manhã”, ocorre o relato poético de uma Paris ao despertar, onde fecham-se os olhos as figuras noturnas dando lugar aos andantes do dia, nessa seara cabe atenção especial às “mulheres do amor”, que se subtende terem passado a noite a fazer feliz os boêmios, para tanto há uma analogia do cansaço amoroso delas ao cansaço cultural dos homens, ou seja, faziam amor essas damas da noite na mesma medida em que homens liam:

[...] Como um rosto a chorar e que à brisa se enxuga,  
Havia o tremor no ar dos objetos na fuga,  
Lasso era o homem de ler como a mulher de amar. [...]  
As mansardas além pareciam fumar.  
As mulheres do amor com seu olhar febril  
Dormiam a roncar o seu sono imbecil; [...]  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 64).



Em seus maiores devaneios no embebedar da vida, aborda essa fragilidade no poema “O vinho do assassino” remetendo a mulher as causas da sua embriaguez, apontando como o amor pode caminhar por desfechos diferentes, ora em volúpias de amor, ora em rixas de rancor:

[...] Livre! Minha mulher é morta!  
Bebo o que o cálice contém.  
Quando eu voltava sem vintém,  
Gritava só der ver-me à porta. [...]  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 66).

Na mesma vertente enfatiza o vinho como um refúgio na fuga da sensualidade feminina, que pode ser afirmado na leitura do poema “O vinho do solitário”:

[...] O olhar tão singular de uma mulher galante  
Que para nós desliza à feição de alvo raio  
Que a Lua ondeando envia ao lago num desmaio,  
Quando ela vem banhar a beleza hesitante; [...]  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 67).

No poema “A destruição”, enfatiza a hipocrisia entre a moral e a vida mundana, mediante ao cotidiano familiar no qual vê suas ânsias reprimidas aos olhos do divino:

[...] Toma, ao saber o meu amor à fantasia,  
A forma da mulher, que eu mais espere e ame,  
E tendo sempre um ar de pura hipocrisia,  
Acostuma-me a boca a haurir um filtro infame. [...]  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 68).

Encontra-se presente em sua obra, a configuração da mulher maldita que profana sua sexualidade na mais variedade forma, atendendo de certo modo os mais variados gostos, pois cita aquelas que se entregam ao amor jovial, as que se enveredam na embriaguez e ainda aquelas que escondem sua perversidade numa máscara religiosa, como na poesia “As réprobas (ou mulheres malditas)”:

[...]  
Como um gato pensante e na areia deitadas,

Voltam os olhos seus ao mais longe do mar,  
E seus próximos pés e suas mãos coladas  
Têm langor de sorrir e tremor de chorar. [...]  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 70).

Na poesia “Alegoria”, é possível aproximar-se levemente com a sutileza e o ceticismo de Balzac que busca sempre uma comparação para exemplificar a mulher:

[...]bela mulher e que opulenta deixa  
Arrastar em seu vinho a fluidica madeixa.  
Nela, garras de amor, venenos de espelunca,  
À sua pele enfim tudo morre ou se trunca. [...]  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 72).

Neste mesmo sentido, exalta a negatividade humana e o desapego ao mundo, de tal modo que, pede misericórdia a mais impiedosa das criaturas, ou seja, o satã. Isso exemplifica claramente o estado depreciativo que encarava a humanidade, tal apontamento encontra-se presente no poema “As litâneas de satã”:

[...] Ó tu, o Anjo mais belo e o mais sábio Senhor,  
Deus que a sorte traiu e privou do louvor,  
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!  
Tu, que és o condenado, ó Príncipe do Exílio [...]  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 78).

Em seu poema mais longo traz “A viagem”, dividida em oito partes na forma de dedicatória, o autor não deixa de fazer referência à sexualidade feminina, mesmo não sendo a temática principal do poema, está presente:

[...] A Máxime du camp  
I  
A quanta criança os mapas e as figuras ama,  
O mundo é igual ao seu apetite profundo. [...]  
Uns, beatos de fugir de uma pátria qualquer;  
Outros, do horror de seus berços de azedume,  
E astrólogos a arder no olhar de uma mulher  
De tirânica Circe, e de amargo perfume.

(BAUDELAIRE, 2017, p. 81-82).

Em “Mulheres malditas – Defina e Hipólita” o eu-lírico parece impor uma distância irredutível entre sexualidade e honestidade, de tal modo que são coisas impossíveis de caminharem num mesmo sentido:

À tibia das lamparinas voluptuosas,  
Sobre sensuais coxins impregnados de essência,  
Sonhava Hipólita as carícias poderosas  
Que lhe erguiam o véu da púbere inocência. [...]

(BAUDELAIRE, 2017, p. 97).

Ao finalizar seus versos tão precisos, como no caso da poesia “As metamorfoses do vampiro”, evidencia a negatividade de seu ceticismo no fato de a mulher expor-se à libertinagem sem nenhuma oposição ao seu casto de forma a corromper o homem pela luxúria:

[...] E no entanto a mulher, com lábios de framboesa  
Coleando qual serpente ao pé da lenha acesa,  
E o seio a comprimir sob o aço do espartilho,  
Dizia, a voz imersa em bálsamo e tomilho:  
- “A boca úmida eu tenho e trago em mim a ciência  
De no fundo de um leito afogar a consciência. [...]

(BAUDELAIRE, 2017, p. 102).

Baudelaire encerra essa obra com uma carta poética escrita em 1865 em Bruxelas, intitulada “A Eugene Fromentin – A propósito de um importuno que se dizia seu amigo”, também não deixa de fazer referência à figura feminina, ainda que em menor evidência a cite, o faz de modo a imputar-lhe o pessimismo inerente a elas, de tal modo que a morte lhe chegue por mais um infortúnio:

[...] - Que o seduzia a paixão física,  
E que em Roma, onde se hospedara,  
Uma mulher, embora tísica,  
De amor por ele se matara

(BAUDELAIRE, 2017, p. 113).

Deixando em suas últimas linhas um poema, que finaliza seu entusiasmo pela negatividade da vida em “Uma tasca divertida (Na estrada de Bruxelas a UCCLE)”:

Velho Faraó, ó Monselet!  
Ante esta legenda imprevista,  
Pensei demais em ti: Com vista  
Para o Cemitério, Café.  
(BAUDELAIRE, 2017, p. 114).

Ao coletar os excertos em destaque, foi possível evidenciar a realidade cotidiana, a ascensão de camadas humanas mais largas e socialmente inferiores estão expostas no decorrer dos poemas de Baudelaire, exaltando uma sociedade historicamente agitada, sua poética pode ser identificada com fundamentos do realismo moderno (AUERBACH, 2013, p. 440).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sucinto estudo, buscou-se apontar a configuração da mulher construída no campo da literatura moderna, para enfatizar a categoria da negatividade, num viés da condição humana no retrato descrito por dois grandes fundadores dessa nova forma literária nascida no século XIX, conforme apontou os estudos literários de Antonio Candido.

Com ênfase na poética da negatividade, foi possível encontrar no niilismo subjetivo do romance de Balzac, porém com maior ênfase na poética de Baudelaire, que proporcionou inúmeras possibilidades de análise. Em cada uma das narrativas poéticas retratada na mulher nobre e bela de Balzac, é possível visualizar todos os seus conflitos.

É importante destacar que o termo balzaquiana trata-se mais de uma qualidade do que de um termo pejorativo. Tanto que Balzac descreveu as mulheres jovens como se fossem todas iguais, comparando-as à uma pintura donde o rosa prevalece, ou seja, todas vislumbram o mundo a partir de um imaginário ideal no qual o amor é perfeito. Diferente da mulher de trinta que já possuía uma identidade própria, marcada pelas (des)ilusões mundanas.

Assim como encontrou-se em Baudelaire o outro lado da mulher, em sua vida mundana, vulnerável e prostituível. Algo incomum no campo literário até aquele momento, do qual este notável poeta passou a dedicar seus poemas, inspirando-se no lado invisível da sociedade na condição precária das “mulheres da vida”.

Balzac e Baudelaire desnudaram a realidade humana, por meio da subjetividade feminina, contrapondo suas contradições e fragilidades mediante a sociedade pós-moderna, um momento em que após este grande marco, que foi o romance moderno, foram surgindo autores importantes motivados pela necessidade em destacar a sociedade marginalizada, tornando-a fonte de inspiração. Assim, inúmeros poetas, cronistas e contistas, ao longo da literatura contemporânea, apropriaram-se das mazelas sociais de exclusão, para registrar e refletir por meio da literatura, um olhar crítico mediante a natureza e a sociedade.

A literatura contemporânea a partir da influência de Baudelaire, revela a visão dos poetas diante das transformações sociais do homem pós-moderno, qual vem constituindo e formando as cidades em grandes metrópoles. Neste sentido a literatura passa a retratar o olhar dos escritores, quais nem sempre reproduzem o real, porém, ressaltam características presentes na evolução dos espaços urbanos.

Para maior aprofundamento nos estudos comparados entre ambos escritores da literatura moderna da negatividade, é preciso ampliar as análises literárias. Essencialmente por meio de pesquisas nas obras originais, para que os poemas sejam comparados em diversas traduções diferentes.

Encontrar nas vozes destes autores a vertente humana, dentro de um processo mais histórico para Balzac, mais geográfico para Baudelaire, em comum a ambos o enfoque social e cultural, torna-se um precioso caminho para propiciar outras formas de compreender a transculturação e a hibridização da literatura moderna, presente cada vez mais no mundo da escrita contemporânea, averiguando minuciosamente os detalhes expressados em cada autor.

## NOTAS

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Paranaense (UNIPAR) e Ciências Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Especialização em Planejamento Ambiental pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e Educação a Distância pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras – área de concentração em Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

<sup>2</sup> Graduado em Letras – Português e Literaturas pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Cursando Licenciatura em História e Especialização em História dos Movimentos e Revoluções Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Aluno Especial em nível de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras – área de concentração em Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

<sup>3</sup> Considerada a mais antiga obra literária da humanidade [...] é um compilado de lendas e poemas, cuja origem e veracidade perdem-se na difusão oral, adaptação cultural e textos fragmentados (FOLLMANN, 2005).

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Teoria estética**. Tradução de Artur Mourão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BALZAC, Honoré de. **A mulher de trinta anos**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2007.

\_\_\_\_\_. **A comédia humana**. Vol. XIII (Estudos de Costumes). Tradução de Carlos Drummond de Andrade e de Vidal de Oliveira. São Paulo: Globo, 1954.

BATAILLE, Georges. **A Literatura e o mal**. Tradução de Sueli Bastos. Porto Alegre: LP&M, 1989.

BAUDELAIRE, Charles. **Las flores del mal**. Introción en verso y notas de Carlos Pujol: Planeta, 1857, 114p. Disponível em: <<https://docente.ifrn.edu.br/paulomartins/livros-classicos-de-literatura/as-flores-do-mal-de-charles-baudelaire>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Tradução de José Martins Barbosa e Hermerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Romantismo, negatividade, modernidade**. Anuario del Colegio de Estudios Latinoamericanos. Universidad Nacional Autónoma de México. Vol. 01, 2006, p. 137-141.

D'ANGELO, Martha. **A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n56/28637.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

FOLLMANN, Eric Thomas. A influência da Epopeia de Gilgamesh na Escrita do Gênesis. Edição Klepsidra. **Revista Virtual de História**, [S.l.], n.º 23, 2005.

FREUD, Sigmund. (2006). **Luto e Melancolia**. Em Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. (L. A. Hanns, Trad.). (Vol. 2, pp. 99-122). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1917).

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna: metade do século XIX a meados do século XX**. Tradução de Marisa M. Curioni (texto) e Dora F. da Silva (poesias). São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GATTI, Luciano Ferreira. O Ideal de Baudelaire por Walter Benjamin. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 31(1): 127-142, 2008.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.